

O mapa energético global em transformação em função da invasão russa à Ucrânia em 2022

Monique Sochaczewski
Najad Khouri

Resumo

O objetivo do capítulo é tratar das francas mudanças por que passam o mapa energético global sobretudo em função da invasão russa à Ucrânia em fevereiro de 2022, bem como trazer algumas reflexões válidas para tomadores de decisão brasileiros. Três grandes mudanças ocorridas na última década nos parecem em especial essenciais de compreensão: 1) a revolução do shale gas e do tight oil nos EUA; 2) a alteração do gerenciamento do mercado internacional de petróleo através do OPEP+; 3) a aplicação de sanções ao Irã, Venezuela e Rússia.

Abstract

The objective of this chapter is to deal with the dramatic changes that the global energy map is undergoing, especially in view of the Russian invasion of Ukraine in February 2022, as well as to bring some valid reflections for Brazilian decision makers. Three major changes that occurred in the last decade seem to us particularly essential to understand: 1) the shale gas and tight oil revolution in the USA; 2) the alteration in the management of the international petroleum market through OPEC+; 3) the application of sanctions to Iran, Venezuela and Russia.

O mapa energético global está em franca mudança no novo milênio em função de alterações tecnológicas reforçando novos velhos *players*, como os EUA, além de transformações estimuladas pela pandemia da Covid-19 e conflitos com impactos de larga escala como a invasão russa à Ucrânia. Por um lado, em termos de segurança energética, necessariamente se colocam os debates sobre transição energética justa (Camargo, Guedes, Maciel, 2022). Por outro lado, combustíveis fósseis ainda se mantêm centrais e eles serão nosso foco no artigo em questão.

Muitas são as definições sobre segurança energética, e aqui ressalta-se, como pontua o *Cambridge Dictionary*, significar em grande medida que um país ou região tenha acesso estável e suficiente à energia (eletricidade, combustível etc.) para atender as necessidades das pessoas que ali vivem. A segurança energética está associada à garantia de energia com preços baixos para o consumidor, e, por mais de um século, energia – sua disponibilidade, acesso e fluxos – se entrelaça com segurança e geopolítica.

Em nossa avaliação, três grandes mudanças ocorreram nos últimos dez anos na área de geopolítica energética, a saber: 1) a revolução do *shale gas* e do *tight oil* nos EUA; 2) uma alteração do gerenciamento do mercado internacional de petróleo por meio da Organização dos Países Exportadores de Petróleo e aliados (OPEP+); 3) a aplicação de sanções ao Irã e à Venezuela, e recentemente à Rússia. A invasão russa à Ucrânia por parte do governo russo liderado por Vladimir Putin em 24 de fevereiro de 2022, porém, é definitivamente o novo ingrediente que complica o que já estava complicado em termos de geopolítica energética. A pandemia acentuou retrocesso da globalização e da cooperação internacional no geral. Testemunhamos alta dos nacionalismos e dos protecionismos; houve retração do movimento de pessoas; e nos deparamos com Estados mais pobres e mais frágeis. Como aponta Daniel Yergin, a maior autoridade global sobre temas de energia e geopolítica, ocorre no momento um *combo* de crise energética global (que na realidade já se esboçava na segunda metade de 2021 no contexto da recuperação econômica mundial do impacto da pandemia da Covid-19), crise geopolíti-

ca e crise de inflação.¹ Cenário em especial complicado para o Brasil em ano de eleições gerais e vivendo suas muitas crises internas.

Os autores são estudiosos que dedicam suas vidas ao estudo do Oriente Médio e Norte da África – região que ainda supre um terço do petróleo mundial – e essa região ganha por essa razão certa proeminência maior no artigo em questão. Os escritos e reflexões de Daniel Yergin, sobretudo seu livro de 2020 *The New Map: Energy, Climate and the Clash of Nations*, servem de grande guia, mas as questões conjunturais apresentadas têm por base em especial artigos, dados e entrevistas disponíveis em portais ou *newsletters* especializados, como *Al Monitor*, *The Soufan Center*, *US Energy Information Administration* (EIA) e Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

O intuito deste artigo é, sobretudo, focar em um primeiro tópico no panorama de mudanças na geopolítica da energia no novo milênio, trazendo breve histórico dos temas quando julgamos necessário. Já o segundo tópico trata das tensões atuais em função da invasão russa à Ucrânia em fevereiro de 2022. Por fim, encerramos o artigo com o que entendemos ser essencial que tomadores de decisão no Brasil tenham no radar frente ao panorama atual de geopolítica energética.

1. Mudanças na geopolítica da energia no novo milênio

Daniel Yergin (2020: p. 65) chama de “revolução não convencional” o que aconteceu com a descoberta e exploração do *shale gas* e do *tight oil* nos EUA, uma vez que é mais do que fluxo de óleo e gás, pois impacta nas posições relativas das nações na arena internacional. Trataremos dessa questão inicialmente aqui, para passarmos então para as mudanças no gerenciamento do mercado internacional através do chamado acordo OPEP+, em vigor desde 2020. Por fim, nosso foco vai

1 Reading the Middle East with Gilles Kepel. Entrevista com Daniel Yergin em 11 jul. 2022. Disponível em: <https://www.al-monitor.com/podcasts/daniel-yergin-explains-how-ukraine-war-and-middle-east-are-impacting-new-map-global>. Acesso em: 15 set. 2022.

para a questão das aplicações de sanções a importantes países produtores de petróleo como Irã e Venezuela.

A humanidade conhece o petróleo desde a Antiguidade, mas foi em meados do século XIX que se esboçou uma indústria tendo os EUA como base inicial, que se expandiu pelo mundo todo (Yergin, 2010). A indústria petrolífera norte-americana seguiu importante, em especial na Segunda Guerra Mundial, mas depois desse conflito o país tornou-se um grande importador de óleo e gás. As crises dos anos 1970 – no contexto da Guerra de *Yom Kippur*, em 1973, e da Revolução Iraniana, de 1979, no Oriente Médio – foram não só um choque pelo impacto econômico e nos preços, mas responsáveis por passar a impressão de que os EUA se tornaram dependentes dos países da OPEP e de suas políticas externas, e com sua economia vulnerável às decisões dos exportadores de petróleo ou a interrupções no fornecimento (Yergin, 2020: pp. 59-60). Desde então, cada presidente estadunidense entoava uma espécie de mantra sobre o desejo de ter independência energética e de fato essa se deu na última década na forma do que Yergin chama de revolução não convencional do *shale and oil gas*. A seu ver, trata-se da maior inovação energética do século XXI.

Foram décadas de tentativas e fracassos, mas o *boom* de produção se desenvolveu nos EUA através da descoberta da existência de vastas reservas, conhecimento tecnológico, legislação favorável e dinamismo em paralelo a iniciativas individuais de engenheiros do petróleo, como George P. Mitchell (Mitchell Energy) e Mark Papa (EOG), e de visões a longo prazo de executivos como Larry Nichols (Devon Energy). Em síntese, a indústria do *shale* passou a explorar a produção de petróleo horizontalmente através de fraturamento hidráulico (*fracking*), a injeção a alta pressão de água e de fluidos químicos nos rochedos, tornando possível economicamente o que muitos achavam que não era.

A abundância das reservas de *shale gas* e *tight oil* transformou os EUA de maior consumidor e importador de energias fósseis no mundo em

exportador e alterou a geopolítica da energia mundial. Eles aumentaram a sua produção em cerca de 3,22 milhões de barris/dia (b/d) em 2013, tornando-se produtores de 10% do petróleo mundial. Esse fato está por trás do início de um afastamento dos EUA do Oriente Médio e da assinatura do acordo nuclear iraniano conhecido como *Joint Comprehensive Plan of Action* (JCPOA) em 2015, tendo ambos os fatos ocorrido na gestão de Barack Obama, que se deu de 2009 a 2016.

A produção atual de *shale oil* gira em torno de 7,22 milhões b/d, ou seja, 60% da produção atual norte-americana de 12,1 milhões b/d superando a produção de quase todos os países da OPEP individualmente, exceto a da Arábia Saudita. Do aqui exposto, afirmamos que a produção de *shale oil and gas* mudou a geopolítica energética mundial e fez com que os EUA se tornassem dos maiores *players* mundiais do mundo junto com Arábia Saudita e Rússia. São os *Big Three* do petróleo mundial, ou seja, as três superpotências energéticas.

A OPEP foi criada em setembro de 1960, em Bagdá, por Arábia Saudita, Iraque, Irã, Kuwait e Venezuela, que contam com *status* de membros fundadores. Trata-se de organização intergovernamental permanente, com sede em Viena desde 1965, e que passou a contar também com as participações de Argélia, Angola, Congo, Emirados Árabes Unidos, Gabão, Guiné Equatorial, Líbia e Nigéria como membros plenos. Seu objetivo oficial, segundo seu portal, é “coordenar e unificar políticas de petróleo” de modo a assegurar preços “justos e estáveis” para países produtores; garantir suprimento econômico e regular para nações consumidoras, bem como retorno justo do capital para os que investem na indústria.²

OPEP+ refere-se a uma iniciativa de 2016 entre os 13 membros da OPEP com 11 não-membros de modo a institucionalizar a cooperação entre es-

2 Disponível em: https://www.opec.org/opec_web/en/about_us/24.htm. Acesso em: 24 set. 2022.

tes de maneira “regular e sustentável”. Os países não-OPEP são Azerbaijão, Bahrein, Brunei, Guiné Equatorial, México, Malásia, Sudão, Sudão do Sul, Omã e Rússia. O grupo OPEP+ é responsável por quase 50% da produção mundial, estimada em torno de 100 milhões de barris por dia.

Em 2016 na reunião de G-20 em Hangzhou, China, o presidente russo Vladimir Putin e o príncipe regente saudita Mohammed bin Salman (MbS) concluíram que qualquer política petrolífera não seria bem-sucedida sem o envolvimento de seus países. Em novembro daquele ano os ministros da Energia da Arábia Saudita e da Rússia, Khaled al Faleh e Alexander Novak, conjuntamente com o então secretário-geral da OPEP Mohammed Barkindo, costuraram o primeiro acordo de cooperação de gerenciamento do mercado com o intuito de reduzir a lacuna entre a demanda e a oferta no mercado petrolífero. O acordo é dinâmico, permitindo ajustes periódicos de corte ou aumento de produção de acordo com as perspectivas do mercado. Para que o gerenciamento seja bem-sucedido, a OPEP+ criou grupo interministerial específico para acompanhar e fiscalizar o *compliance* dos países produtores.

Inicialmente os membros da OPEP anunciaram redução da produção em 1,2 milhões de b/d e os outros membros não-OPEP em 558 mil b/d. A Rússia e a Arábia Saudita são os mais importantes membros da OPEP+ em termos de reservas, produção e exportação.³ A Rússia tem reservas de aproximadamente 108 bilhões de barris e em 2021 produziu em média 10,8 milhões de b/d e exportou 7,8 milhões de b/d. A Arábia Saudita, por sua vez, tem reservas de aproximadamente 290 bilhões de barris e em 2021 produziu em média 9,1 milhões de b/d e exportou 6,3 milhões de b/d.⁴ Com esse acordo, os dois países abriram uma nova página de cooperação mais ampla não somente na área petrolífera, mas em áreas como defesa e investimentos. Esse primeiro acordo, porém,

3 Disponível em: <https://www.nasdaq.com/articles/what-is-opeac-an-overview-of-key-members>. Acesso em: 24 set. 2022.

4 Disponível em: https://www.opec.org/opec_web/en/publications/338.htm. Acesso em: 26 set. 2022.

durou até a eclosão da pandemia de Covid-19 em 2020 quando houve desentendimento entre Rússia e Arábia Saudita. Os sauditas decidiram então aumentar a sua produção ao invés de reduzi-la, o que deprimiu mais os preços da *commodity* e em razão disso o acordo foi rompido em fevereiro de 2020.

Em abril de 2020, ainda no contexto da pandemia da Covid-19 e a queda dos preços indicada, ocorreu uma nova bem-sucedida tentativa de gerenciamento do mercado internacional de petróleo por meio da elaboração de um novo acordo da OPEP+. Os dois principais *players*, a Arábia Saudita e a Rússia, concluíram novas metas de cortes para fazer frente à pandemia. O novo acordo cortou inicialmente 9,7 milhões de b/d da produção do grupo para adequar a oferta à demanda. A pandemia da Covid-19 causou a queda do consumo mundial da *commodity* e desvalorizou o petróleo. O barril tipo Brent caiu de US\$ 61,63 em janeiro de 2020 para US\$ 21,04 em 31 de março daquele ano.

O novo acordo, além de adequar a demanda com a procura, evitou uma nova guerra comercial entre a Rússia e a Arábia Saudita. Os EUA, apesar de não participarem do mesmo, pressionaram politicamente a Arábia Saudita, sua aliada histórica no Oriente Médio, para sua conclusão. O então presidente Donald Trump (governo 2017-2020) ameaçou o príncipe regente saudita MbS de retirar o sistema de defesa antiaéreo *Patriot* daquele país caso a OPEP não cortasse a produção de petróleo comprometendo assim um pilar da relação bilateral que é a segurança da Arábia Saudita.⁵ A intervenção de Trump refletiu, sobretudo, a necessidade de defender a indústria de *shale* estadunidense da derrubada dos preços.⁶

5 Em 1945 Frank Delano Roosevelt e o Rei Abdulazis fizeram acordo pelo qual os EUA teriam garantidos acesso ao petróleo saudita em troca de proteção ao país contra eventuais ataques estrangeiros. Esse arranjo, como aponta Ben Hubbard (2020, p. 6) se tornou pilar da política dos EUA no Oriente Médio pelas décadas seguintes.

6 Disponível em: Special Report: Trump told Saudi: Cut oil supply or lose U.S. military support – sources | Reuters. Acesso em: 20 set. 2022.

Várias questões influenciam a formação dos preços de petróleo, entre as quais fatores geopolíticos, a taxa de câmbio, o volume dos estoques mundiais, entre outros. Alguns estudiosos acreditam que o preço internacional do petróleo depende principalmente do equilíbrio da oferta e procura. Entendemos que o acordo OPEP+ de gerenciar o mercado petrolífero foi o principal fator na estabilidade e em seguida na alta dos preços, à medida que o mundo venceu gradativamente a luta contra a pandemia da Covid-19. Dificuldades técnicas, entretanto, restringiram a produção em alguns países, limitando assim a oferta de petróleo bruto e ajudando a alta dos preços. Em 2021 os preços subiram 50% e continuam em recuperação até janeiro de 2022, alcançando níveis entre US\$ 90,00 e US\$ 100,00 antes da invasão da Ucrânia.⁷

Além de balancear o mercado, o acordo OPEP+ proporcionou equilíbrio nas finanças dos governos e viabilidade econômica dos projetos das companhias petrolíferas. Consequentemente, salvaguardou investimentos feitos e incentivou a retomada de novos investimentos necessários para o aumento da produção mundial, além de acompanhar o crescimento constante tanto nas energias alternativas quanto no petróleo e gás. Apesar de altos custos e incertezas econômicas e imperativas climáticas, o investimento global em energias renováveis, fósseis, nucleares e eficiência energética deve aumentar 8% em 2022, para chegar a US\$ 2,4 trilhões, dos quais US\$ 417 bilhões são destinados a *upstream* e gás natural (US\$ 353 bi em 2021 e US\$ 384 bi em 2020), um volume substancial para garantia da segurança energética mundial.

O Irã sofre sanções internacionais variadas desde sua revolução de 1979. As primeiras foram aplicadas pelos EUA contra o país entre 1979 e 1981 em função da chamada crise dos reféns da embaixada norte-americana. Ações iranianas contra navios no Golfo Árábico/Pérsico e apoio

7 Disponível em: <https://www.reuters.com/business/energy/oil-prices-could-hit-100-demand-outstrips-supply-analysts-say-2022-01-12/>. Acesso em: 24 set. 2022.

ao terrorismo passaram a ser as razões de sanções entre 1987 e 1995, expandindo-se nesse ano para empresas que negociassem com o governo iraniano. As terceiras sanções foram impostas em dezembro de 2006 no contexto da Resolução 1.737 do Conselho de Segurança da ONU após o país ter se recusado a cortar o programa de enriquecimento de urânio. Em 2011 sanções foram endurecidas contra o setor financeiro e petrolífero isolando assim os bancos iranianos do sistema financeiro internacional e privando aquele país das receitas das exportações de petróleo.

Essas sanções tinham como alvo investimentos em óleo, gás e petroquímicos, exportação de produtos refinados de petróleo, mas excluíram também o Irã da *Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication* (SWIFT), a mais importante infraestrutura financeira global, existente desde os anos 1970 e com sede na Bélgica. As sanções estão por trás da assinatura do Irã do acordo nuclear com os P5+1 (EUA, Inglaterra, França, Rússia e China mais a Alemanha) em 2015. Conhecido como *Joint Comprehensive Plan of Action* (JCPOA), ele previa o término da maioria das sanções em troca de limites para o programa nuclear iraniano. As sanções foram levantadas de fato em 2016, mas, em 2018, o então presidente dos EUA Donald Trump retirou os EUA do acordo e não só reinstalou as sanções como em 2019 incluiu a Guarda Revolucionária Islâmica do Irã na lista de *Foreign Terrorist Organization* (FTO). As sanções contra o Irã tiraram do mercado aproximadamente 1,5 milhões de b/d de petróleo bruto, além de forçar aquele país a vender aproximadamente 1 milhão de b/d com desconto através de artifícios e transbordos clandestinos.

A Venezuela detém uma das maiores reservas mundiais de petróleo, tendo produzido quase 3 milhões de b/d uma década atrás. Devido a vários fatores políticos e econômicos, porém, sua produção declinou, chegando atualmente a 723 mil b/d.⁸ O país vem sofrendo sanções individuais da União Europeia (UE), Canadá, México, Panamá, Suíça e, so-

8 Disponível em: https://www.eia.gov/odata/v1/qb.php?category=1039874&ssid=STEO.COPR_VE.M. Acesso em: 24 set. 2022.

bretudo, EUA. As razões foram as repressões de protestos em 2014, 2017 e 2019-20. No caso específico dos EUA, em janeiro de 2019, em função da crise presidencial na Venezuela, passaram a aplicar sanções econômicas contra petróleo, ouro, mineração e sistema bancário do país, dificultando o investimento necessário para o aumento da produção.⁹ Ao todo, as sanções contra a Venezuela retiraram do mercado em torno de 2,3 milhões de b/d.

2. Os impactos da invasão russa à Ucrânia

A crise entre Rússia e Ucrânia não é um raio em céu azul, ou seja, tem um longo histórico até desembocar na invasão russa à Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022. Em termos de sua relação específica com a Rússia após o desmonte da União Soviética, em 1991, quando se tornou um Estado soberano, vale dizer que um acordo em 1994 conhecido como “Memorando de Budapeste” fez com que Ucrânia passasse arsenal nuclear para a Rússia em troca de respeito às suas fronteiras existentes por parte da Rússia, do Reino Unido e dos EUA (Yergin, 2020: p. 82). Sempre pairava no ar se seguiria pró-Rússia ou pró-Occidente, mas a construção de oleodutos para escoamento do óleo russo para a Europa selava uma relação de dependência em grande medida. A chamada “Revolução Laranja” de 2004, com a eleição de líder contrário aos interesses russos e os cortes de fornecimento de gás pela Rússia à Ucrânia em 2006 e 2009 já apontavam, porém, para tensões, bem como a construção do *Nord Stream* e outros oleodutos rodeando o território ucraniano para levar óleo à Europa; e, finalmente, as manifestações da *Maidan Square* em 2013 e consequente anexação russa da Crimeia em março de 2014, justamente quando Putin recebia autoridades globais nos Jogos de Inverno de Sochi (Yergin, 2020: p. 96).

9 Disponível em: <https://home.treasury.gov/policy-issues/financial-sanctions/sanctions-programs-and-country-information/venezuela-related-sanctions>. Acesso em: 24 set. 2022.

Os EUA reagiram com sanções contra setores financeiro, de defesa e de energia da Rússia em 16 de julho de 2014. Aparentemente países europeus estavam reticentes em função de sua dependência da energia russa, mas a derrubada em território ucraniano controlado por separatistas russos do avião da *Malaysian Airlines* que ia de Amsterdã para Kuala Lumpur em 17 de julho de 2014, com 298 mortos de maioria europeia, levaram europeus a se juntarem às sanções. Questões envolvidas ao conflito entre russos e ucranianos estiveram atreladas às eleições presidenciais de 2016 nos EUA, bem como no julgamento do *impeachment* de Donald Trump em 2020. E a guerra já tinha levado a cerca de 14 mil mortos até a invasão russa à Ucrânia em fevereiro de 2022. As consequências do conflito iniciado então, porém, ainda reverberam, e reverberarão, na esfera das relações da Rússia com o Ocidente e no equilíbrio de poder na arena global, com largos impactos no mercado de energia e na economia global. Há indícios ainda de estarmos diante de um ponto de inflexão na história do pós-Guerra Fria.

Muitos são os especialistas internacionais que buscam explicar as razões da decisão do presidente russo Vladimir Putin de invadir a Ucrânia em fevereiro de 2022 e qual a estratégia militar que tinha em mente. Timothy Snyder, por exemplo, é professor de História Europeia da Universidade de Yale (EUA) e está lecionando o curso *Making of Modern Ukraine* aberto para o grande público via YouTube.¹⁰ Snyder clama que o documento essencial para entendermos a guerra é o ensaio escrito por Putin em julho de 2021 “Sobre a unidade histórica da Rússia e da Ucrânia”. O *rationale* por trás da guerra em sua avaliação seria de que, para Putin, os ucranianos não sabem quem realmente são – ou seja, acham que têm história própria quando na realidade Rússia e Ucrânia sempre foram uma coisa só – e necessitam aprender através da violência. A forma como a história é apresentada por Putin tem conexão integral com a decisão de fazer a guerra e como a guerra parece fazer senti-

10 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bJczLlwp-d8&t=4s>.

do enquanto se desenrola. E para Snyder é uma consciência histórica, e geográfica, que faz os ucranianos resistirem ferozmente.¹¹

Para Ian Bremmer, analista geopolítico fundador e presidente da consultoria *Eurasia Group*, testemunhamos com a invasão russa à Ucrânia um marco na história recente comparado à queda do Muro de Berlim, em 1989. Em sua avaliação, o objetivo de Putin era tomar Kiev e retirar Volodymyr Zelensky do poder, mas, sem conseguir tal feito, deixou claro com a guerra o fim dos dividendos pacíficos da pós-Guerra Fria em que se focava em globalização, economia e *welfare*. Independentemente de como mais a guerra se desenrolará, há por um lado um Putin enfraquecido, trazendo instabilidade para a Rússia e para o mundo, e por outro um *decoupling* que parece permanente, em que Rússia se desconecta do Ocidente e se junta mais à China na arena global.

Nosso intuito aqui não é entender de fato o *rationale* de Putin, mas os impactos da invasão à Ucrânia no mundo. Grosso modo, como salienta Daniel Yergin, parece que testemunhamos em especial uma época turbulenta de rearranjo internacional, em que o mundo pós-cri-se será totalmente diferente daquele anterior a esse. Globalmente, há um claro rearranjo do mapa geopolítico indo do que era o consenso da Organização Mundial do Comércio – multilateralismo – para uma

11 Interpretações históricas parecem ser mais importantes no conflito em questão do que normalmente se vê nas análises feitas no Brasil. O documento de Putin citado por Timothy Snyder, disponível em inglês no site da presidência da Rússia é de 12/7/2021. Em maio de 2021 Volodymyr Zelensky enviou ao parlamento ucraniano projeto de lei que foi adotado em 1º/2/2021 identificando como *indigenous people* da Crimeia, os tártaros, os karaítas e os krymchas (os primeiros muçulmanos e os dois últimos de origem judaica) e os diferenciando das “minorias nacionais” na Ucrânia que seriam “russos, poloneses, húngaros, romenos, gregos”. Em 8/6/2021 o Parlamento Russo tinha feito declaração pública contra a adoção dessa lei porque os russos na Ucrânia não eram reconhecidos como nativos o que chamaram de “insulto à memória histórica e clara provocação com objetivo de escalar tensões”. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/global-legal-monitor/2021-08-02/ukraine-new-law-determines-legal-status-of-indigenous-people/>. Acesso em: 29 set. 2022.

competição entre grandes potências, sobretudo Estados Unidos e China. E se por um lado não há como perder de vista às polarizações internas e mesmo violência dentro dos EUA – explícitas sobretudo com o caso do capitólio em 6/1/2021 –, por outro, é fato que naquela potência democratas e republicanos criticam igualmente a China e há muitas continuidades nas políticas externas de Trump e de Biden. Os *establishments* de segurança de ambos os países focam no outro como futuros adversários em seus planos e estratégias (Yergin, 2020).

Vale atentar para os impactos econômicos globais causados pela interrupção das rotas de importação e exportação dos insumos básicos e das *commodities*. O aumento dos custos de petróleo e gás por natureza desencadeia outros custos de produção. A crise da Ucrânia eclodiu em período de integração e dependência energética da UE, Inglaterra e Rússia. Aproximadamente 30% do petróleo e 32% do gás importados de fora do continente vieram da Rússia em 2021.¹² Essa dependência varia de país para país chegando acima de 50% em alguns casos como da Hungria, e entre 30-40% em casos como da Áustria, Alemanha e Itália, sendo menor grau na França e na Península Ibérica. A dependência da Ucrânia como país de trânsito diminuiu devido ao aumento de gasodutos e outros corredores de trânsito. Mesmo assim, o fluxo através de oleodutos representa 25% e 8% em gasodutos.

Os impactos econômicos causados pelo aumento dos preços de petróleo e gás devido à imposição de sanções parciais ou totais contra o setor energético russo desencadeiam outros custos de distribuição e diminuição da produção dos insumos básicos agrícolas, fechamento de fábricas e eventual racionamento, além de subsídio de energias. A conta de luz saltou de aproximadamente 200 euros para 800 euros em média em alguns países. A inflação da Europa atingiu 9,1% em vez da meta anual de 2%. Na tentativa de limitar os ingressos petrolíferos, os países do G-7 planejam introduzir *price cap* sobre o petróleo russo. Trata-se

12 Disponível em: <https://www.iea.org/reports/national-reliance-on-russian-fossil-fuel-imports>. Acesso em: 28 set. 2022.

de medida ainda não totalmente aprovada pelos países da UE devido à dependência desproporcional do setor energético russo e políticas internas.¹³ O euro e a libra esterlina se desvalorizaram em relação ao dólar. Esses fatores econômicos somados ao aumento de taxas de juros podem elevar o risco de recessão na Europa e podem levar à sua queda na competitividade global, abrindo mais espaço para uma centralidade da competição entre EUA e China.

Há óbvio esforço político de mitigar a crise, na busca por diversificar fontes de energia e aumentar estoques estratégicos para o inverno estendendo cooperação com novos países. O presidente da França, Emmanuel Macron, visitou a Argélia e planeja ir ao Marrocos¹⁴ – países dominados pela França no passado – e o chanceler alemão, Olaf Scholz, visitou a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e o Catar em busca de novas fontes energéticas.¹⁵ Eventos inesperados, porém, como o caso de sabotagens, agravamento dos combates e severidades climáticas podem agravar a crise energética no inverno de 2022 para 2023. Protestos internos podem gerar ainda instabilidades políticas em alguns países, e ingerência excessiva no mercado levaria a mais interrupções de fornecimento e oscilações nos preços sem fundamentos mercadológicos.

A crise arruinou a confiança entre UE e Rússia e interrompeu relações políticas e econômicas que melhoravam desde os anos 1990. Como consequência, há aproximação mais intensa entre a Rússia com países asiáticos, especialmente com China e Índia, os maiores importadores de óleo e gás do mundo.

13 Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2022/09/06/russia-oil-price-cap-putin-war-sanctions-energy-g7-europe-crisis/>. Acesso em: 28 set. 2022.

14 Disponível em: <https://www.al-monitor.com/originals/2022/09/things-remember-macrons-algeria-visit> Acesso em: 28 set. 2022.

15 Disponível em: <https://www.al-monitor.com/originals/2022/09/germanys-scholz-cites-energy-supply-progress-uae-visit>. Acesso em: 28 set. 2022.

3. Considerações a partir do Brasil / Recomendações Finais

O Brasil está às vésperas de importantes eleições gerais. Quem assumir, ou reassumir o poder, terá que lidar com o cenário internacional mais claro de *decoupling*, de enfrentamento mais claro entre EUA e China na arena internacional, sendo que seus próprios regimes estão recheados de tensões internas. A invasão russa à Ucrânia, que na expectativa de Vladimir Putin duraria poucos dias, já passa de meio ano. Para além do sofrimento do povo ucraniano, da crise de refugiados e mesmo de tensões dentro da Rússia por conta da conscrição ou de manifestações contrárias à guerra, o conflito segue impactando o mundo todo. Ainda não sabemos se será mais um caso de conflito congelado, se a Rússia derrotará a Ucrânia de maneira definitiva, ou qual será de fato o desfecho, mas, de qualquer modo, a guerra deixa largos impactos internacionais para a Rússia. Apesar de não se tratar de uma economia de grande porte, é uma potência nuclear, cibernética, energética e *power broker* no Oriente Médio e na Ásia, além de ser membro permanente do Conselho de Segurança da ONU.

A guerra impacta ainda no mercado global de *commodities* e nas *supply chain* e ao que parece teremos, infelizmente, mais fome em escala planetária. Testemunhamos guerra, após dois anos complicados de pandemia, entre dois grandes produtores de alimentos, sobretudo grãos. Mediações por parte da Turquia vêm tentando ajudar que navios com carregamentos de grãos saiam da Ucrânia.¹⁶ Inicialmente frisava-se que o objetivo era que chegassem a países pobres mais necessitados, mas, na prática, os mais ricos têm tido acesso. Trata-se de exemplo claro de como a guerra impacta em especial países pobres da África e do Oriente Médio.

16 Disponível em: <https://www.al-monitor.com/originals/2022/08/un-turkey-and-ukraine-discuss-grain-exports-nuclear-safety>. Acesso em: 28 set. 2022.

E mesmo com o eventual fim do conflito bélico, os efeitos da crise deverão ser sentidos economicamente até que a Europa consiga assegurar outras fontes de energia fóssil, mineral ou nuclear e/ou transformar a sua fonte energética em renováveis, o que não se dará rapidamente. Esse fato compromete a segurança energética a custos aceitáveis em curto e médio prazo.

O Brasil é país relevante globalmente em termos energéticos e agrícolas e exportou 1,3 milhões de b/d em 2021, sendo quase metade para a China.¹⁷ A crise da Ucrânia abre caminhos para a diversificação das exportações de petróleo brasileiro para a Europa. Por outro lado, a não adesão do Brasil às sanções ocidentais contra a Rússia não prejudica as importações dos insumos agrícolas como é o caso da ureia necessária para o agronegócio. O país poderia ainda aproveitar o momento para ampliar os investimentos na segurança energética modernizando a legislação e ampliando as áreas de leilões, por exemplo. Ao que tudo indica haveria atração de mais investimentos internos e externos, criando empregos e até, eventualmente, gerando um *boom* na indústria de O&G de modo a criar um mercado interno em todos os níveis de *upstream* (exploração) e *downstream* (refino). Atrair-se-ia também mais investimentos para a transição energética e economia de baixo carbono.

Referências

CAMARGO, Jorge; GUEDES, Rafaela; MACIEL, Gregório Cruz Araújo. **Proposições para uma transição energética justa no Brasil**. Rio de Janeiro: CEBRI/KAS, 2022.

HUBBARD, Ben. MBS. New York: Tim Duggan Books, 2020.

PUTIN, Vladimir. **On the Historical Unity of Russians and Ukrainians**, 12/7/2021. In: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/66181>.

YERGIN, Daniel. **O petróleo**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

17 Disponível em: <https://www.fazcomex.com.br/comex/exportacao-de-petroleo/>. Acesso em: 28 set. 2022.

YERGIN, Daniel. **The New Map**: Energy, Climate and the Clash of Nations. New York: Penguin Press, 2020.

Monique Sochaczewski é Doutora em História, Política e Bens Culturais pelo CP-DOC/FGV e Professora Permanente de Mestrado em Direito, Justiça e Desenvolvimento do IDP (monique.goldfeld@idp.edu.br).

Najad Khouri é economista com MBA em Relações Internacionais pela FGV, tendo trabalhado na Intebras no Irã e Iraque entre 1979 e 1985 e na Petrobras de 2014 a 2020 (najadk@gmail.com). Ambos são cofundadores e pesquisadores sêniores do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre o Oriente Médio (GEPOM).